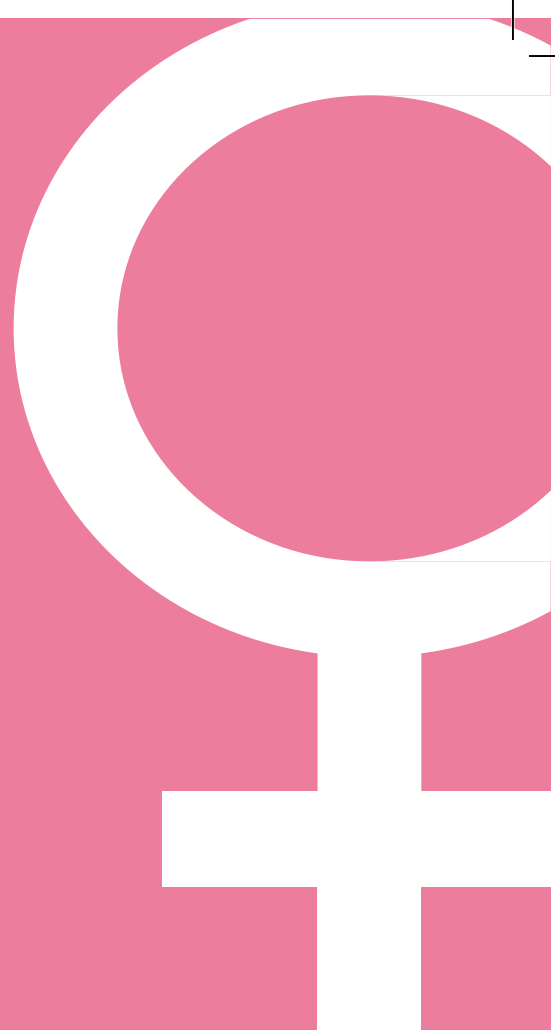


AMANDA STAFANATO  
VEREDIANO

DAVIS MOREIRA ALVIM

**NA LUTA CONTRA  
O MACHISMO,  
SOMOS TODAS  
COMPANHEIRAS!**

**LEVANTE PELA VIDA DAS  
MULHERES!**



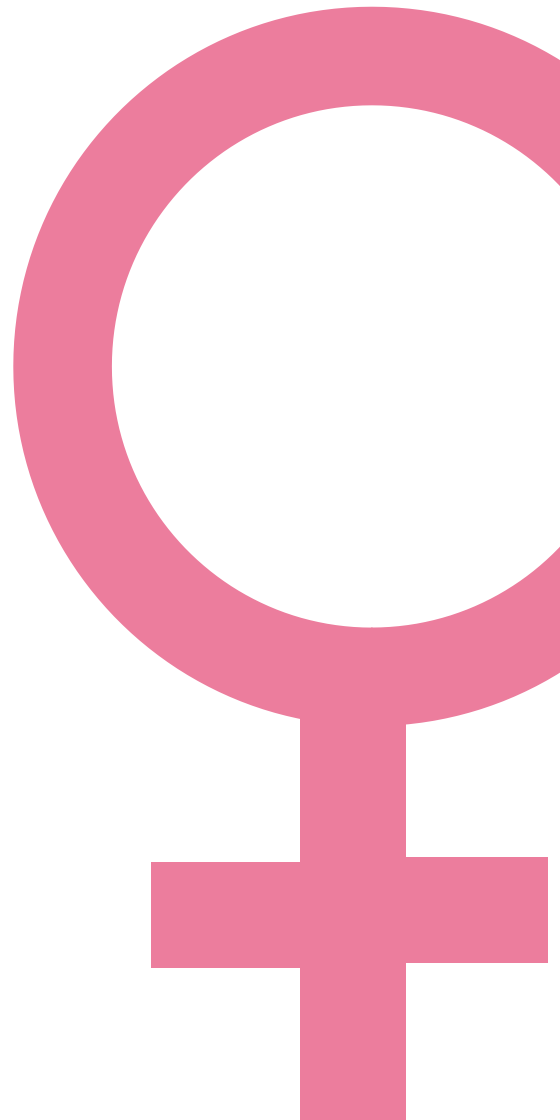


AMANDA STAFANATO  
VEREDIANO

DAVIS MOREIRA ALVIM

**NA LUTA CONTRA  
O MACHISMO,  
SOMOS TODAS  
COMPANHEIRAS!**

**LEVANTE PELA VIDA DAS MULHERES!**



**Comissão Científica** Priscila de Souza Chisté Leite e Erineusa Maria da Silva

**Design Gráfica** Nayara de Oliveira Leal

**Programa de Pós Graduação em Ensino de Humanidades** | Avenida Vitória, nº 1729 | Jucutuquara | Vitória - Espírito Santo | 29040-780

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

V489n Verediano, Amanda Stafanato.

Na luta contra o machismo, somos todas companheiras! [recurso eletrônico] / Amanda Stafanato Verediano, Davis Moreira Alvim. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2019.

48 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-86361-13-1 (E-book)

1. Educação -- Estudo e ensino. 2. Violência contra as mulheres. 3. Identidade de gênero na educação. 4. Feminismo. 5. Movimentos da juventude -- Mulheres. 6. Humanidades. I. Alvim, Davis Moreira. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 370

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES - 656

**Editora do IFES – EDIFES**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo

Pró-Reitoria de Extensão e Produção

Av. Rio Branco, nº. 50, Santa Lúcia | Vitória | Espírito Santo CEP 29056-255

Tel. (27) 3227-5564 | E-mail: [editoraifes@ifes.edu.br](mailto:editoraifes@ifes.edu.br)



## Sobre a autora

Amanda é uma jovem estudante e trabalhadora que descobriu o feminismo através da auto-organização de mulheres no Levante Popular da Juventude, movimento social que atua. Acredita na construção de outra sociedade possível livre da exploração capitalista e da opressão patriarcal e racista, onde todos e todas possam ser respeitado/as, viver dignamente e felizes.



## Sobre o autor

Davis é professor do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH - Ifes). Orientador da pesquisa de mestrado da autora, possui interesse em áreas de estudo como Resistências no campo da educação brasileira; Movimentos sociais; e Gênero e sexualidade nos campos da Educação e da Psicologia Institucional.



“Amo as mulheres desde a sua pele que é a minha  
a que se rebela e luta com a palavra  
e a voz desembainhadas,  
a que se levanta de noite para ver se o filho chora,  
a que luta inflamada nas montanhas,  
a que trabalha mal-paga na cidade,  
Vamos e que ninguém fique no caminho...  
para que este amor tenha a força dos terremotos, dos ciclones, dos furacões  
e tudo que nos aprisionava exploda convertido em lixo”.

**\*Gioconda Belli (Nicarágua, 1948)**

Renomada poeta nicaraguense que ainda jovem se integrou às fileiras da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) na luta contra o governo ditatorial de Somoza.

Dedicado a todas as mulheres que sofrem na própria pele a opressão e exploração do sistema capitalista racista e patriarcal , e ainda assim resistem lutando diariamente pela libertação das mulheres e de todo povo.

## Companheiras e Companheiros,

Este material educativo em formato livreto é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Humanidades entre 2017 e 2019, no Instituto Federal do Espírito Santo, campus Vitória. A pesquisa teve como foco a temática de gênero e o enfrentamento à violência contra a mulher no cenário escolar a partir da atuação do Levante Popular da Juventude, movimento social de juventude no qual a autora milita. Ancorada nas contribuições do feminismo como referencial teórico, o estudo trata o conceito de gênero como construção social atrelado a divisão de classe e raça, remontando a importância da categoria Patriarcado e a necessidade da desnaturalização da opressão e exploração de gênero vivenciada pelas mulheres.

Este material, portanto, é parte da pesquisa de mestrado referida acima, e sugere uma proposta de prática educativa dialógica, crítica e feminista, que visa o respeito, a camaradagem entre as/os sujeitos e a transformação das relações desiguais de sexo/gênero, raça e classe no ambiente escolar e em todo tecido social.

Esperamos que ele possa contribuir para o desnudamento de preconceitos e estereótipos, bem como para “romper as cercas da ignorância que produzem intolerância”, possibilitando a transformação de sua concepção de mundo.

Abraços feministas,  
Amanda.

Figura 1 - Graffiti da artista capixaba Jessyka Florêncio, conhecida como Keka.



Fonte: ZUMERLE; MARCONDES; FRIEDRICH, 2016.



# Sumário

Levante Popular da Juventude	10
Gênero	13
Divisão sexual do trabalho e divisão público - privado	19
Violência contra a mulher	25
Tipos de violência	29
Violência e racismo	35
Lei maria da penha	38
Auto-organização das mulheres	41
Mulheres cabulosas da História	43
Referências	46

## Levante Popular da Juventude

O Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens militantes, voltada para a luta de massas em nosso país que busca a transformação da sociedade. Se propõe a ser fermento nas lutas da juventude brasileira e a organizá-la onde quer que ela esteja. O Levante possui três frentes de atuação, a estudantil, que reúne jovens universitários e secundaristas, a territorial, que organiza jovens nas periferias das cidades e a camponesa, voltada para a juventude do campo.

Acredita na construção do Projeto Popular para o Brasil, que corresponde a um conjunto de reformas estruturais e transformações econômicas e sociais do país, visando garantir o acesso de todo brasileiro e brasileira a terra, comida, educação, moradia, trabalho digno e a uma vida sem violência.

Figura 2 - Logo Levante Popular da Juventude



Fonte: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, acesso em 2019.

## Levante Popular da Juventude

Assim como Che Guevara, o Levante Popular da Juventude assume o compromisso de combater toda e qualquer injustiça cometida em qualquer lugar do mundo, tendo ainda setores auto-organizados de mulheres, negras e negros e de diversidade sexual e de gênero.

As e os jovens utilizam como método de trabalho de base a Agitação e propaganda (AGITPROP), que envolve a utilização de diferentes linguagens, como o teatro, a batucada, a poesia, o graffiti e outros para debater com a juventude e o povo brasileiro um projeto de transformação de país.

Figura 3 - Batuques Levante Popular da Juventude



Fonte: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016.

“Na luta de classes, todas as armas são boas: pedras, noites e poemas” (Leminski).

Figura 4 - Foto do 3º Acampamento Nacional do Levante



Fonte: COLETIVO NACIONAL DE COMUNICAÇÃO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016.

## CONHEÇA O LEVANTE!

Procure algum/alguma militante do movimento em sua cidade para conversar e saber mais.

Nos “siga” nas redes sociais.

- **Twitter:**

@levantepopular

- **Instagram:**

@levantedajuventude

- **Facebook:**

@levantepopulardajuventude

- **Site:**

[www.levante.org.br](http://www.levante.org.br)

- **Canal no YouTube:**

Levante Popular da Juventude

O Levante Popular da Juventude surgiu em 2006 no Rio Grande do Sul e se nacionalizou em 2012, quando realizou seu 1º Acampamento Nacional em Santa Cruz do Sul (RS), lançando sua 1ª Carta Compromisso com as pautas de luta que defende.

Em 2014, construiu o 2º Acampamento Nacional em Belo Horizonte, reunindo 3 mil jovens. Já em 2016, reuniu cerca de 7 mil jovens em Belo Horizonte/Minas Gerais no seu 3º Acampamento Nacional.

## Gênero

Para iniciar nossa conversa sobre o conceito de gênero, iremos utilizar a célebre frase de Simone de Beauvoir: **“Não se nasce mulher, torna-se mulher”**. Já parou para pensar no que ela quer dizer? Concorde que em nossa sociedade, mulheres e homens são constituídos sócio, cultural e historicamente? O sexo biológico com o qual nascemos não determina essencialmente nossa formação enquanto sujeitos femininos ou masculinos.

Ser mulher ou ser homem não está relacionado somente ao fato de nascermos com um útero ou um pênis. Outros elementos fazem parte desta construção. Para Beauvoir (1960), **a feminilidade e a masculinidade são constituídos ao longo de nossas vidas**, levando-se em consideração os diferentes contextos e modos de se constituir mulher e homem.

Historicamente é atribuído à figura feminina qualidades e comportamentos estereotipados de delicadeza, passividade, e em contraposição, ao homem é atribuído características de ser racional, forte, inteligente e agressivo. Entretanto, sabemos que nem todos somos assim, não é mesmo? Podemos dizer, portanto, que essas são imagens que a sociedade constrói do masculino e do feminino, contudo a realidade vivenciada pelos sujeitos extrapola estes modelos pré-determinados e cristalizados de feminilidade e masculinidade.

Figura 5 - Foto de Simone de Beauvoir, filósofa francesa pioneira nos estudos sobre a condição da mulher



Fonte: TSEVIS, 2014.

Mesmo antes de nascermos nos são impostos padrões de gênero, de feminilidade e masculinidade que ditam como ser homem e ser mulher nesta sociedade.

Se formos menina, usaremos roupa rosa, seremos delicadas e submissas.

Se meninos, deveremos usar roupa azul, gostar de futebol, luta e carrinho, ser fortes.

Quando não cumprimos ou não respondemos a esse padrão pré-estabelecido, somos julgadas e julgados, ou até mesmo punidas e punidos, sendo excluídos das relações sociais, trabalhistas, educacionais e outras.

É o caso das pessoas transgêneras, que não se reconhecem com o sexo biológico com o qual nasceram. E por isso, investem no processo de transformação de identidade e de corpo. A sexualidade também sofre padrões rígidos de gênero, podendo configurar-se enquanto heterossexual, havendo grande incentivo da sociedade para tal, homossexual (quando amam e desejam pessoas do mesmo sexo) ou bissexual (amam pessoas de ambos os sexos, masculino e feminino).

O modo como nos enxergamos no mundo e a maneira como exercemos nossa sexualidade deve ser respeitada. Todos temos direito à uma vida digna.

A não aceitação dos diferentes modos de ser mulher e de ser homem em nossa sociedade gera ódio, intolerância, violência, dor, sofrimento e até assassinatos.

A seguir apresentaremos o poema “Eu me empoderei” de autoria da escritora Karine Bassi, que retrata de forma artística as contradições da imposição da feminilidade na constituição dos sujeitos femininos. A autora aponta ainda as formas que encontrou de tornar-se uma mulher resistente.

## Eu me empoderei

Sociedade machista que é  
me disse: você é mulher  
me limitou à reprodução  
futebol é coisa de “homem” negaram  
bolinha de gude carrinho e peão  
do outro lado  
me deram panelas,  
bonecas  
e até um fogão  
e eu que só queria  
sossego  
e o direito de escolher  
meu próprio brinquedo  
tive que ouvir tantos “não”.  
treinaram-me mesmo  
era pra ser  
uma dona de casa  
Perfeita  
serviente ao marido  
e que se sujeita  
a qualquer obrigação lavar  
passar  
cozinhar  
DAR,  
a hora que ele quisesse  
comer.

implantaram um padrão de beleza nas  
nossas cabeças  
e falaram que o bonito é

o que eles disserem. mas na  
verdade, bonito mesmo  
é você  
com seu peso  
sua cor  
seu cabelo  
peitos grandes ou pequenos celulite ou não  
estrias ou não pêlos  
ou não  
decidindo se vai dar no primeiro encontro ou não.  
Bonito é  
Este corpo que é teu!  
Só teu!  
[...] sociedade machista que é  
disse: você é mulher  
portanto direitos tem não!  
me oprimiu  
e riu!  
me culpou pelo que sou  
virei opressora  
e o opressor mesmo  
fugiu.

[...] mas aprendi a me empoderar  
ergui o meu punho  
alcei tão alto a minha voz  
que cheguei a gritar  
uso saia  
shortinho  
decote  
e quem quiser,  
pode criticar.



o corpo é meu  
minhas regras, meu  
EU  
que ninguém vai tirar.  
abandonei o alho cebola  
tempero  
juntei todo esse desespero  
E bati no liquidificador sem dó  
comprei, pião, carrinho, baralho e jogo  
futebol a hora que eu quiser  
Tenho autonomia  
Autoconfiança  
E a minha luta avança  
Um passo a mais  
A cada dia.  
Sou livre pra amar;  
Sou leve pra ser;  
Sou forte  
Sou rocha  
Sou a resistência  
Contra aqueles que tentaram nos subjugar  
E os meus valores inverter.

**Karine Silva Oliveira assumiu o pseudônimo de Karine Bassi. É escritora, nascida em Belo Horizonte/MG, e dentre suas publicações, destacamos os livros “Entulho de Rosas” e “Livro de Histórias”.**

**E você, já escreveu ou conhece alguma poesia que retrata as desigualdades de gênero? Que tal compartilhar?**

Figura 6 - Foto de Karine Bassi.



Fonte: Acervo KARINE BASSI, acesso em 2019.



Entendemos que a elaboração social do sexo deve ser entendida sem gerar a dicotomia sexo e gênero, o primeiro situado na biologia, na natureza e o outro na cultura e sociedade. Enxergando a necessidade de combater esse pensamento dualista, a postura que se busca assumir consiste em considerar gênero e sexo uma só unidade, uma vez que **não há uma sexualidade biológica independente do contexto social onde os sujeitos se inserem (SAFFIOTI, 2004, grifo nosso).**

Acreditamos que a compreensão das relações sociais de gênero precisa levar em consideração as **relações de classe e raça**, e por isso, inferimos que o conceito de Patriarcado é fundamental para tratar o tema. O **patriarcado** pode ser compreendido como sistema ou um modo de organização social que retrata as **relações desiguais de dominação e exploração do homem sobre a mulher**, se fundamentando na **divisão sexual do trabalho, na divisão público privado e no controle do corpo e da vida das mulheres** (SAFFIOTI, 2004, grifo nosso).

A artista **Ailén Possamay**, que assina como **Possa**, pintou nos muros das ruas de Buenos Aires a frase “Eso que llaman amor es trabajo no pago”, da escritora **Silvia Federici**. A intervenção trata do tema da divisão sexual do trabalho, que discutiremos a seguir. Ao ver esse trabalho artístico, o que ele te mobiliza? Quem realiza o trabalho doméstico em sua casa? Ele é compartilhado? Como acontece tal organização?

Você já participou da produção de algum mural ou graffiti em seu bairro ou cidade? Conte como foi a experiência. Se não, procure alguma/algum militante do Levante Popular da Juventude ou outro coletivo para saber mais e organizarem uma oficina.

Figura 7 - Mural de Ailén Possamay, em Buenos Aires, Argentina.



Fonte: POSSAMAY, acesso em 2019.

## Divisão sexual do trabalho e divisão público-privado

A **divisão sexual do trabalho** caracteriza-se enquanto a separação de trabalhos de homens e de mulheres, e pela produção de uma hierarquia que valoriza o trabalho assalariado do homem em detrimento do trabalho reprodutivo realizado pela mulher (HIRATA; KERGOAT, 2007).

O **trabalho doméstico e de cuidados**, desempenhado prioritariamente pelas mulheres na **esfera privada**, se configura como **trabalho reprodutivo**. Esse **não** é um **trabalho assalariado** e portanto **não** possui valor de mercado para o sistema de produção capitalista. Invisibilizado, tal trabalho é realizado não para elas, mas para outrem e justificado enquanto dever materno, sendo garantia da reprodução da força de trabalho. Desse modo, o Patriarcado relega a mulher ao **espaço privado**, destinado à reprodução, ao cuidado com os filhos e com o lar, enquanto o **espaço público**, voltado à ocupação da cidade, à participação na política, às artes e ao trabalho assalariado é direcionado aos homens (HIRATA; KERGOAT, 2007, grifos nossos).

A inserção das mulheres no mercado de trabalho ainda acontece de modo precarizado, ocupando funções que normalmente são extensão das atividades de “reprodução social”, como trabalhos vinculados aos cuidados, enfermeiras, professoras, assistentes sociais, psicólogas e outras. Geralmente esses são menos remunerados e com menor valorização social. Em alguns casos, continuam o sendo, mesmo quando exercem a mesma função ou realizam um mesmo trabalho que o homem (FARIA *et al.*, 1999).

## Triste, Louca Ou Má (Banda Francisco, El Hombre)

Triste louca ou má  
Será qualificada  
Ela quem recusar  
Seguir receita tal

A receita cultural  
Do marido, da família.  
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar

Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define

Ela desatinou  
Desatou nós  
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra  
Fêmea: Alvo de caça  
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa  
Traçar de novo a estrada  
Ver cores nas cinzas  
E a vida reinventar.

E um homem não me define  
Minha casa não me define  
Minha carne não me define  
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou  
Desatou nós  
Vai viver só

**Francisco, El Hombre** é uma banda brasileira que mistura rock, música mexicana, brasileira e latina. Firmada em 2013 é inspirada em um personagem popular da cultura colombiana que saía pelas ruas tocando acorde.

## SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Você já conhecia a música "Triste, Louca ou Má"? O que achou? Reuna-se em dupla com um/uma colega e conte como são as mulheres da sua família: mãe, avós, tias. Trabalham fora e/ou dentro de casa? Que profissão exercem? São casadas? Namoram? Ao tratar do cuidado em casa e com os filhos que mudanças pôde perceber ao longo das gerações? Dê exemplos de outras músicas que retratam a situação da mulher.

### Hora do Filme...

Que tal escolher uma das sugestões de filme propostos abaixo e organizar um cine-debate para discutir os temas de diversidade sexual e de gênero? Que questões o filme levanta?

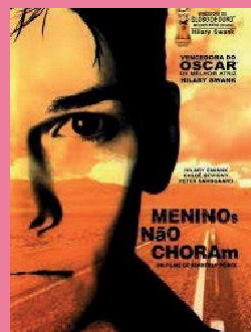
Figura 8 - Cartaz Filme Orações para Bobby, 2009



Fonte: ORACÕES PARA BOBBY, 2009

O filme conta a história de um jovem gay que tem que lidar com a homofobia de sua mãe, produzida, principalmente, por seu fanatismo religioso.

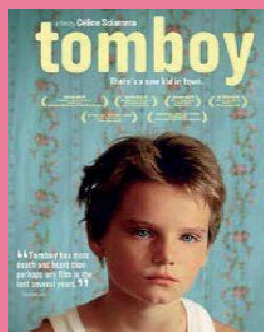
Figura 9 - Cartaz Filme Meninos não choram, 2000



Fonte: MENINOS..., 2000.

Baseado na história real de Teena Brandon, o filme relata a juventude de um garoto que nasce com o corpo socializado como feminino mas identifica-se com o gênero masculino. Retrata sua trajetória enquanto homem transgênero e os embates que vive diante da sociedade.

Figura 10 - Cartaz Filme Tomboy, 2011



Fonte: TOMBOY, 2011.

O longa metragem retrata a história de Laure, uma menina de 10 anos que conhece Lisa, quem a confunde com um menino. Laure, que usa cabelo curto e gosta de vestir roupas masculinas, aceita a confusão e lhe diz que seu nome é Mickaël. A partir de então ela leva uma vida dupla, já que seus pais não sabem dessa outra identidade.

## SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Já decidiu qual profissão vai seguir? Em trios, pergunte também aos colegas. Há disparidade entre o número de meninas e meninos nos cursos de exatas e humanas? Dê exemplos. Sobre as roupas de cada um, há modelos? E suas cores preferidas, quais são? As brincadeiras de criança e as atuais, como eram e são? Brincava mais em casa ou na rua? Faça um comparativo com os/as colegas e análise tais respostas de acordo com o tema que estamos estudando, gênero. É possível perceber as diferenças e desigualdades entre os gêneros?

Como romper com estes papéis sociais atribuídos historicamente à mulher e ao homem na escola, em casa e no trabalho? É possível construir estratégias de desnaturalização da desigualdade entre os gêneros para que possamos deixar de reproduzir a violência e produzir homens e mulheres novos, construtores de relações de igualdade e respeito entre os sexos? De que modo?

Confiram o quadrinho da francesa Emma, traduzido para o português pela equipe Bandeira Negra, o qual aborda o trabalho doméstico realizado pelas mulheres. Segue link abaixo:

<https://www.geledes.org.br/quadrinho-explica-por-que-as-mulheres-se-sentem-tao-cansadas/>

## SUGESTÃO DE FILME

Figura 11 - Cartaz Documentário Mulheres Invisíveis, 2011



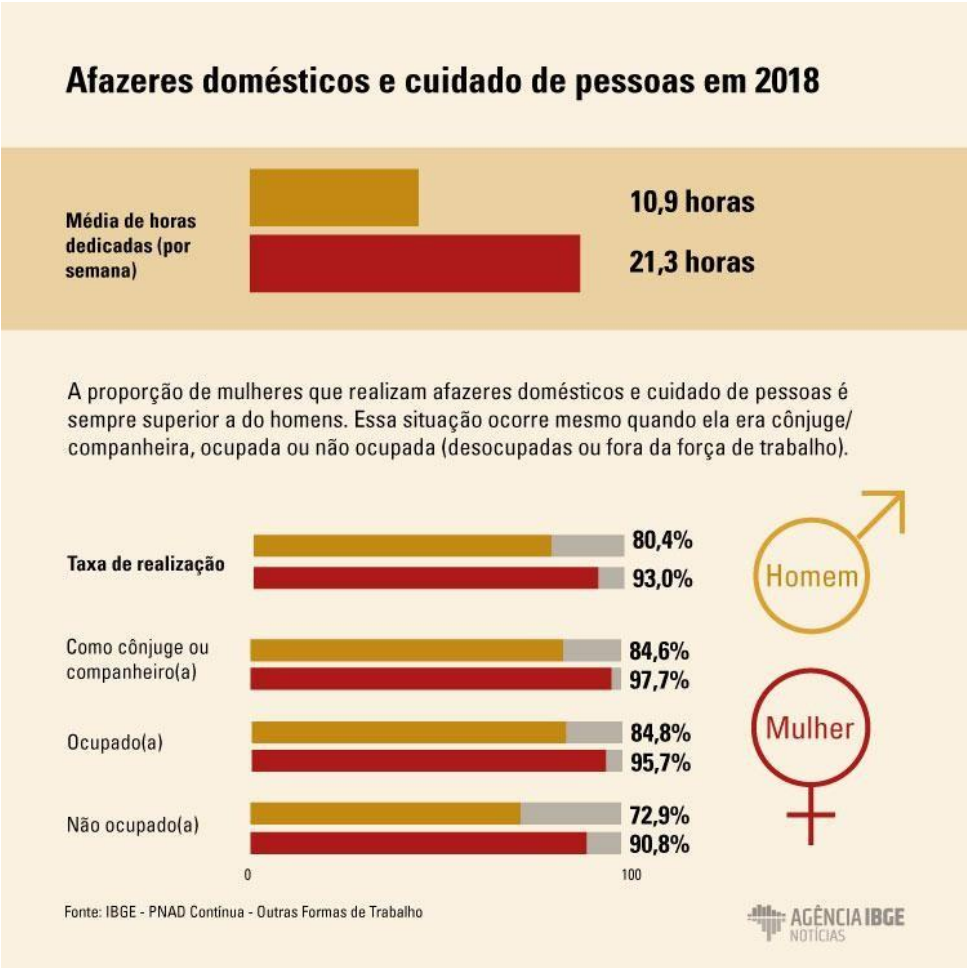
Fonte: SOF, 2011.

O vídeo acima foi elaborado pela SempreViva Organização Feminista (SOF), com apoio da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e aborda o tema das mulheres no mercado de trabalho.

Reúna as mulheres da sua casa e as amigas para assistirem o documentário acima e debaterem o tema.

Os dados abaixo nos inclinam a refletir ainda mais acerca da divisão sexual do trabalho, uma vez que infere que nós, mulheres, dedicamos quase o dobro de tempo que os homens para realizar as tarefas domésticas. Por isso, se ainda o fazem, que tal organizar o compartilhamento dos afazeres domésticos em casa? Compartilhar o trabalho é compartilhar responsabilidades e assim construir relações menos desiguais.

Figura 12 - Dados sobre o tempo gasto pelos homens e pelas mulheres para realização do trabalho doméstico



Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018.



As **mulheres** são milhares em todo o mundo, e contam mais da metade da população. Do **campo e da cidade**, das periferias, **estudantes e trabalhadoras**. **Lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, indígenas, quilombolas, negras**. Todas elas, ainda que não saibam, carregam a marca da exploração e da opressão. Herdeiras da luta do **povo** são mães, filhas, irmãs e tias, capazes de serem protagonistas da própria história e romper o ciclo de dominação exploração. **Mulheres** em luta diária, que enfrentam oito horas de trabalho e tantas outras no trânsito e em casa no cuidado com os filhos e a casa. Solteiras, casadas, recasadas, Clandestinas, que abortam e são criminalizadas pelo Estado, que não aceitam a desigualdade e a injustiça e se rebelam contra elas.

Figura 13 - Graffiti produzido na Grande Vitória/ES pela artista Kika.



Fonte: CARVALHO, acesso em 2019.

Herdeiras da história de irreverência e ousadia de **Frida Kahlo, Rosa Luxemburgo, Dandara, Helenira Resende** e tantas outras que transformaram suas dores em luta. Nos mais diferentes locais, são inúmeras as **Anas, Cláudias, Joanas e Milenas** na busca por liberdade, felicidade, gozo e alegria.



## VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Temos estudado por aqui e também vivenciado diariamente, que ser mulher nesta sociedade perversa (capitalista, racista e patriarcal) não é algo fácil.

As páginas dos jornais escorrem sangue todos os dias ao expor o **fenômeno** da violência, que é apresentado de modo generalizado e banalizado, ao invés de ser encarado de forma séria e como um **problema social**. Junto a isso, presenciamos inúmeros casos de **violência dos mais diversos tipos**, nas diferentes classes sociais, seja no núcleo familiar, na escola, no trabalho, no namoro ou outros.

O fenômeno da violência contra a mulher, se apresenta para nós como **problema real na vida das mulheres brasileiras e do mundo**, constituindo-se como **violação dos direitos humanos e expressão severa da desigualdade de gênero**.

### Pare para pensar...

A organização social a qual estamos inseridos privilegia **o masculino em detrimento do feminino**, produzindo forte **banalização da violência** de modo que há uma **tolerância** e até certo **incentivo da sociedade para que os homens possam exercer a virilidade baseada na força/dominação** da mulher, por isso, a chamamos de patriarcal (SAFFIOTI, 2004, grifos nossos).

**Percebemos que o homem capaz de produzir a violência contra a mulher é portanto, construído social, histórico e culturalmente.** Isto nos leva a pensar que **o homem somente será violento se for incentivado e/ou educado para isso, não sendo esta característica natural.**

A violência não acontece de maneira isolada, mas apresenta-se de forma multifacetada. Qualquer que seja a forma assumida, a violência emocional também está presente, acarretando consequências nefastas à saúde psíquica das mulheres (SAFFIOTI, 2004).

É importante dizer que a violência exercida contra as mulheres é realizada prioritariamente nos espaços privados por companheiros e ex-companheiros, maridos, namorados, sendo caracterizada como **violência doméstica.**

Com frases curtas é possível criar cartazes de impacto que transmitem a ideia que desejamos passar. Essa técnica de arte é vinculada ao grafite e chamamos de lambe-lambe. Uma vertente da arte que utiliza a colagem de cartazes como intervenção urbana. Neste caso, a Marcha Mundial das Mulheres, movimento feminista internacional, denunciou o machismo através da frase **“O feminismo nunca matou ninguém. O machismo mata todos os dias”**. Que tal reunir as/os amigas e pensar mensagens/ideias relacionadas ao tema da violência contra a mulher que gostariam de espalhar por aí?

Para saber mais, acesse:

<http://marchamulheres.wordpress.com/operacao-lambe-lambe/>

Figura 14 - Lambe -Lambe  
“O Feminismo nunca matou  
ninguém. O machismo mata todos  
os dias”.



Fonte: MARCHA MUNDIAL DAS  
MULHERES, acesso em 2017.

## Violência contra a mulher

Para a Lei 13.104/2015, feminicídio é o homicídio de mulheres por razões da condição de sexo feminino, envolvendo a violência doméstica e familiar ou/e o menosprezo ou discriminação à condição de mulher (BRASIL, 2015).

Segundo o Atlas da Violência (2019) em 2017, 4.936 mulheres foram assassinadas no país, o equivalente a cerca de 13 feminicídios por dia, este é o maior número já registrado desde 2007. O documento aponta um acréscimo de 29,9% da mortalidade de mulheres negras no período de 2007 a 2017, evidenciando para nós, que ser mulher negra é ainda mais complexo (INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA, 2019).

Figura 15 - Charge 8 de março, pelo fim da violência contra a mulher



Fonte: LATUFF, 2013

O material narra ainda que **até 2012, o Espírito Santo ocupava o 2º lugar no ranking** das unidades federativas com as maiores taxas de feminicídios do país, e em 2017, decresce para o 7º lugar. Associa essa redução às políticas públicas de enfrentamento a violência de gênero implementadas pelo governo (INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA, 2019). Para além delas, acreditamos que a diminuição de tal índice é fruto da luta travada pelos movimentos sociais e feministas no Estado, que vêm historicamente denunciando a violência contra a mulher, e propondo ações de enfrentamento ao fenômeno e proteção a essas.

### **Onde recorrer em caso de violência contra a mulher:**

-Acionar o **190** para casos de flagrante;  
-Acionar o **181** ou o site [www.disquedenuncia.181.es.gov.br](http://www.disquedenuncia.181.es.gov.br) para denunciar anonimamente a violência;

-Ir até a **Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM):**

**Cariacica-** (27)3136-3118- BR 262, Km 03, bairro Vera Cruz, Cariacica/ ES.

**Guarapari-** (27)3262-7022- Rua Santo Antônio, 313, Muquiçaba, Guarapari/ ES.

**Serra-** (27)3328-7217/ (27)3328-2869- Rua Sebastião Rodrigues Miranda, 49, bairro Boa Vista II, Serra/ ES.

**Vitória-** (27)3137-9115- Av. Nossa Senhora da Penha, 2270, Santa Luzia, Vitória/ES.

**Viana-** (27)3255-1171/ (27)3255-3095- Avenida Levino Chacon, 149, Centro, Viana/ ES.

**Vila Velha-** (27)3388-2481- Rua Luciano das Neves, 430, Prainha, Vila Velha/ ES.

Figura 16 - Graffiti produzido pela artista Kika Carvalho no morro do Romão em Vitória/ES.



Fonte: CARVALHO, 2014.

**Delegacia de Plantão Especial da Mulher da Região Metropolitana (PEM)-** (27)3323-4045- Rua Hermes Curry Carneiro, 350, Ilha de Santa Maria, Vitória/ ES.

**-Procurar atendimento psicossocial:**

**Centro de Referência de Atendimento à Mulher em situação de Violência (CRAMSV)-** (27) 3382-5464 e 3382-5465 - Funcionamento de segunda a sexta-feira, das 12 às 19 horas na Casa do Cidadão, localizada na Avenida Maruípe, 2.544, Itararé/Vitória/ES

# Tipos de violência

## Sexual

Quando uma mulher é forçada a manter ou participar de relações sexuais não desejadas, mediante ameaça, coação ou uso da força. Este tipo de violência também pode ser cometida pelo marido ou companheiro. Um exemplo é o estupro.

**Atenção!**  
**Nenhuma mulher merece**  
**ser violentada ou**  
**estuprada!**

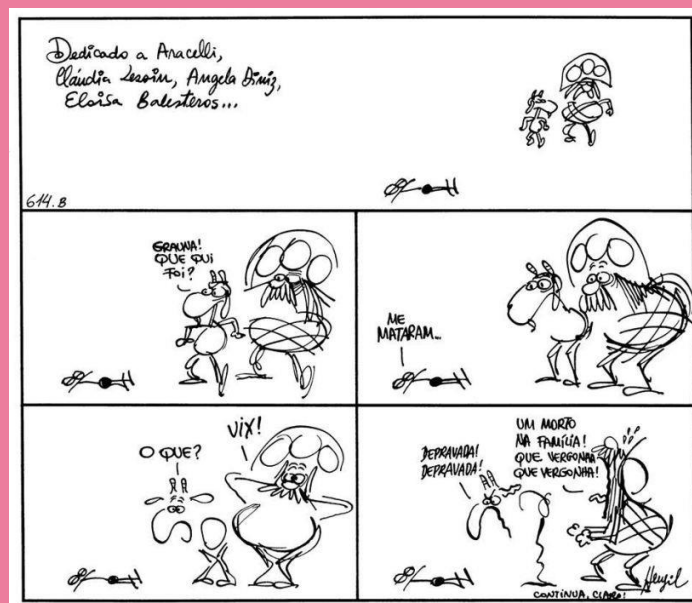
O 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública constatou 49.497 estupros no país no ano de 2016, o que significa a uma média de cerca de **130 casos por dia**.

Quando a vítima e autor se conhecem, 78,6% dos casos acontecem dentro da residência.

## Física

Quando a mulher sofre qualquer tipo de agressão que ofenda sua integridade ou saúde corporal: empurrões, beliscões, queimaduras, chutes, socos ou, ainda, ferimentos causados por armas de fogo ou armas, como facas, estiletes, móveis e outros objetos. O assassinato também é um exemplo de violência física, se configurando como **crime de feminicídio**.

Figura 17 - História em Quadrinhos do Henfil sobre violência contra a mulher



Fonte: HENFIL , 1980.

## Psicológica

Ações que causam dano emocional, diminuição da auto-estima prejuízo, visem controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante a ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, e, perseguição, limitando seu direito de ir e vir.

## Moral

Atitude que se configura calúnia, difamação ou injúria.

**ACULPA DA VIOLÊNCIA  
NUNCA É DA VÍTIMA!**

## Patrimonial

Quando a mulher é privada ou têm a destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, recursos econômicos ou quaisquer outros dos quais dependa sua subsistência ;

Figura 18- Imagem da campanha publicitária contra o assédio sexual no espaço público intitulada Che- ga de fiufiu! produzida em 2013 pela ONG feminista Olga, que aborda temas importantes ao público fe- minino de modo acessível.



Fonte: OLGA, acesso em 2019



## Sugestão de atividade

Figura 19 - Painel de Thayná Wandressa e Araceli Cabrera, por Universo Acme no bairro Flexal 2 em Cariacica/ES.



Fonte: ACME, acesso em 2019..

O painel acima, localizado no bairro Flexal em Cariacica/ES, foi elaborado pelo artista Acme e retrata as infantas Thayná Andressa Prado de Jesus (12 anos) e Araceli Cabrera (08 anos). A primeira foi assassinada em Viana no ano de 2017 e a segunda, em 1973, no município de Vitória. Os casos de violência e brutalidade vivenciados por elas foram amplamente noticiados nos jornais capixabas. Você os conhece? Sabe o que aconteceu com elas? Após buscar maiores informações, redija um texto sobre os sentimentos provocados com os fatos descobertos. Compartilhe com sua família e amigas/os.

No vídeo **“Não tira o batom vermelho”** da youtuber **Jout Jout**, ela comenta sobre relacionamentos abusivos. Se namora, já pensou sobre seu relacionamento? Como é a relação entre vocês? Seu companheiro ou companheira respeita suas saídas com as amigas e os amigos? Suas decisões e escolhas são levadas em consideração? Tenta controlar que tipo de roupa você usa? Te proíbe de fazer coisas que você gosta? Te culpa pelo modo como ele/ela age?

Você já vivenciou algum tipo de violência contra a mulher? Ou conhece alguém nessa situação? Como esse tipo de violência pode se manifestar na sua casa ou escola? Como tal fenômeno é entendido por você? E pela comunidade?

# MOÇA, SE AME. O PROBLEMA NÃO É VOCÊ, É ELE! SAI DESSA!

**Você é linda e forte, se liberte!  
Procure ajuda. Denuncie.  
Relacionamento abusivo é  
violência, não amor.**

Figura 20 - Imagem da Campanha #Não é amor quando



Fonte: SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS  
PÚBLICAS PARA MULHERES, acesso em 2017

Figura 21 - Imagem da Campanha #Não é amor quando



Fonte: SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS  
PÚBLICAS PARA MULHERES, acesso em 2017

Figura 22 - Imagem da Campanha #Não é amor quando



Fonte: SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS  
PÚBLICAS PARA MULHERES, acesso em 2017



## Lesbofobia

Acontece quando a mulher lésbica é julgada e/ou violentada por não corresponder ao padrão social heteronormativo que impõe historicamente o desejo e o afeto de mulheres exclusivamente por homens.

Um exemplo é o estupro corretivo, praticado por irmãos, pais, amigos e também desconhecidos, abusam sexualmente da mulher lésbica com o objetivo de ensiná-la a gostar de homem ou “fazê-la virar mulher de verdade”.

A heterossexualidade foi construída e normatizada na sociedade através da cultura patriarcal capitalista e machista a qual estamos inseridas e somos submetidas.

Quando a mulher não segue a essa regra e se relaciona afetiva e sexualmente com outra mulher é subjugada.

O mesmo vale para as mulheres bissexuais, que não limitam sua sexualidade a relacionamentos com homens e são tratadas como indecisas, sendo alvo de preconceitos do mesmo tipo.

## Transfobia

Atitudes verbais e físicas de agressão e violência em relação à mulher travesti, transsexual ou transgênero.

Possuem grande dificuldade de aceitação na sociedade devido ao preconceito estrutural existente e portanto, são brutalmente excluídas do mercado de trabalho e das relações sociais.

Muitos ainda consideram doença, ou transtorno de comportamento, sendo estas obrigadas a realizar acompanhamento médico para oficializar a mudança de nome e a transexualidade.

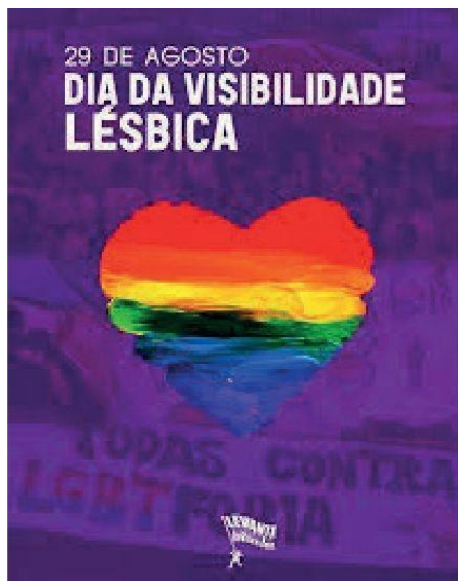
Figura 23 - Cartaz produzido pelo Levante Popular da Juventude em janeiro, mês da Visibilidade Trans



FONTE: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016.

## Ruim é o seu preconceito!

Figura 24 - Arte do cartaz em homenagem ao Dia Nacional da Visibilidade Lésbica elaborado pelo Levante Popular da Juventude



Fonte: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, acesso em 2017.

Você já ouviu a música “Paula e Beбето” de Milton Nascimento e Caetano Veloso? Ela ficou marcada pela frase **“Qualquer maneira de Amor vale a pena”** e tem sido utilizada em manifestações LGTBs reforçando a luta pela liberdade de amar.

Que nada nos limite,  
Que nada nos defina,  
que nada nos sujeite.  
Que a liberdade seja nossa própria substância.

[Simone de Beauvoir]

**Pelo direito de sermos quem somos  
e amar quem quisermos!**

## VIOLÊNCIA E RACISMO

“Apartheid disfarçado todo dia  
Quando me olho não me vejo na TV  
Quando me vejo estou sempre na cozinha  
Ou na favela submissa ao poder  
Já fui mucama mas agora sou “neguinha”  
“Minha pretinha, nós gostamos de você”  
Levante a saia, saia correndo pro quarto  
Na madrugada patrãozinho quer te ver”

[Adão Negro]

Em nossa sociedade, a combinação entre **machismo e racismo** resulta em maior violência ainda contra as mulheres negras.

A violência contra a mulher negra e a população negra tem origem no passado escravista do Brasil e da América Latina e Caribenha, que sofreu um processo de colonização, exploração e dominação de seus corpos, suas terras e suas vidas.

As mulheres negras são as mais assassinadas entre as mulheres. **Em 2013, morreram assassinadas 66,7% mais mulheres negras que brancas.** Os estados de Espírito Santo, Acre e Goiás foram os que apresentaram maiores taxas de assassinatos de negras, acima de 10 por 100 mil (Mapa da Violência, 2015).

Figura 25- Imagem da cartilha Racismo é crime desenvolvida pelo Ministério da Justiça e Cidadania



Fonte: BRASIL, 2016.

## Você sabia que 25 de julho é dia da mulher negra latino americana e caribenha?

Um dos legados mais vergonhosos de nossa história, a população negra e as mulheres negras ainda sofrem consequências deste passado que se atualiza nas relações sociais que reproduzem o racismo e o preconceito, seja nas relações sociais, trabalhistas, na mídia, com a mercantilização e objetificação do corpo das mulheres, dentre outros...

A separação e hierarquização do trabalho de homem e de mulher, bem como de mulheres brancas e mulheres negras, coloca a s mulheres negras na base da pirâmide social, nos postos de trabalho mais precarizados e subalternizados.

As mulheres negras têm maiores jornadas de trabalho, ganham metade do salário dos homens brancos, estando a maioria concentrada no trabalho informal e sem carteira assinada. São a s responsáveis na maior parte das vezes pelo trabalho doméstico e pelas tarefas de cuidado, atividade invisibilizada pela sociedade e com baixa ou até mesmo nenhuma remuneração

As mulheres negras são as principais vítimas dos abortos clandestinos e dos índices de feminicídio, como apontou o mapa da violência de 2015 e o Atlas da violência de 2019.

Também são a maior parte das encarceradas, 86%.

A data busca dar visibilidade às situações de desigualdade racial e de gênero, ao mesmo tempo em que viabiliza o fortalecimento das muitas lutas das mulheres negras seja contra o racismo, o sexismo, e a discriminação de classe.

Figura 27 - Cartaz Dia Internacional da Mulher negra latino americana caribenha.



## Sugestão de Atividades

Enquanto as mulheres negras da classe trabalhadora forem exploradas, estiverem fora dos espaços de produção de conhecimento, em trabalhos precarizados e subalternizados, encarceradas em presídios superlotados, morrendo nas filas de hospitais, vítimas de abortos clandestinos e do feminicídio, a libertação das mulheres e do povo explorado não será possível.

**Vidas negras importam! É preciso mudar o mundo para mudar a vida das mulheres e mudar a vida das mulheres para mudar o mundo.**

Teresa de Benguela, Negra Zeferina, Maria Felipa e Carolina Maria de Jesus são exemplos de mulheres negras que nos deixam um legado de resistência, força e luta. Pesquise a história de alguma delas ou outras mulheres negras que te inspiram.

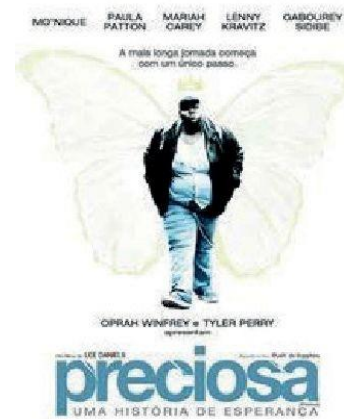
**“Menina pretinha, exótica não é linda.  
Você não é bonitinha Você é uma rainha”**

Menina Pretinha  
McSoffia

## Indicação de Filme

Claireece "Preciosa" Jones é jovem negra, obesa e pobre. que sofre uma série de violações no seio de sua própria família. Ao engravidar, é transferida de escola e tem a oportunidade de aprender a ler, a escrever e muito mais,

Figura 28 - Cartaz do Filme **Preciosa - Uma História de Esperança**, 2010



Fonte: PRECIOSA, 2010.

# SE TEM VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, A GENTE METE A COLHER!

## Lei maria da penha - nº 11.340 de 2006

Reconhecida como um marco na proteção dos direitos humanos das mulheres; cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Prevê medidas de proteção e assistência às mulheres em situação de violência, punição e possibilidade de reeducação aos autores da violência.

Maria da Penha Maia Fernandes é cearense, nascida em 1945. Farmacêutica, foi vítima de dupla tentativa de feminicídio por parte de seu ex-marido no ano de 1983. O primeiro julgamento do crime ocorreu em 1991, após 08 anos de sua realização; e o segundo, em 1996, entretanto em ambos a sentença não foi cumprida. O caso foi denunciado para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA) em 1998. Somente em 2001 o Estado brasileiro foi responsabilizado por negligência e omissão, sendo recomendado a completar de modo rápido e efetivo tal processo na justiça, além de adotar medidas de combate a violência doméstica contras as mulheres e proteção a essas. Após muitos debates, pressão social e luta dos movimentos feministas e da CIDH/OEA, a lei foi sancionada no ano de 2006.

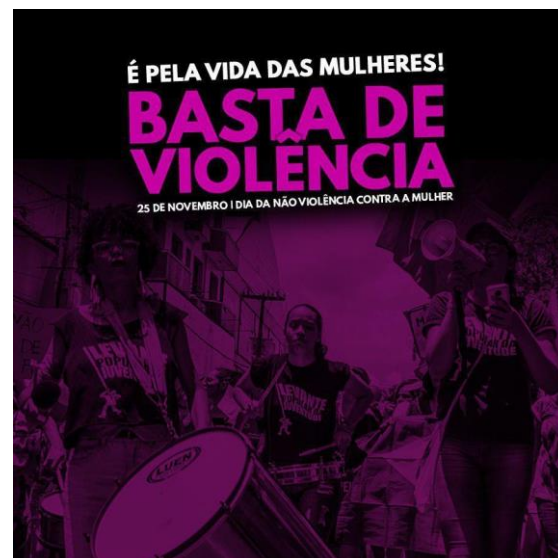
Para saber mais, acesse o site do Instituto Maria da Penha, através do link:

<http://www.institutomariadapenha.org.br/>

Como reconhecimento da luta de Maria da Penha contra as violações dos direitos humanos das mulheres, a lei leva seu nome, uma vez que tal caso, não se apresenta de modo isolado, mas representa inúmeros casos de violência sistemática que acontecem no Brasil.

Nas palavras da própria lei, violência doméstica e familiar contra a mulher classifica-se como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”.

Figura 29 - Cartaz em homenagem ao Dia de enfrentamento à violência contra a mulher



Fonte: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2018.



**“Cadê meu celular?  
Eu vou ligar prum oito zero  
Vou entregar teu nome  
E explicar meu endereço  
Aqui você não entramais”  
Maria da Vila Matilde**

Elza Soares

Elza Soares é referência para as mulheres por sua força e coragem, e também por sua contribuição na luta de enfrentamento à violência. Em sua música “Maria da Vila Matilde”, retratada acima, ela indica o disque 180, Central de atendimento à mulher como mecanismo de denúncia e proteção.

Iniciativa da Secretaria Especial de Políticas para as mulheres no ano de 2005, o disque 180 visa auxiliar e orientar mulheres vítimas em situação de violência. Funciona no período de 24 horas diárias, é gratuito e atende em âmbito nacional.

Figura 30 - Campanha “Violência contra a mulher é crime”



Fonte: Prefeitura Municipal de Santos (SP), 2016.

Figura 31 - Graffiti da cantora Elza Soares produzido pelo coletivo *Minas de Minas Crew*, criado em 2012 e composto pelas grafiteiras de Belo Horizonte Krol (Carolina Jaued), Musa (Louise Libero), Nica (Nayara Gessica) e Viber (Lidia Soares)



Fonte: MINAS DE MINAS, acesso em 2019.

### **Serviços que prestam assistência às mulheres em situação de violência:**

Centros de referência, casas abrigo, postos de saúde e hospitais, IML, serviços de assistência jurídica e psicológica, defensoria pública, Delegacia da Mulher e Poder Judiciário.

## Eu e minhas companheiras...

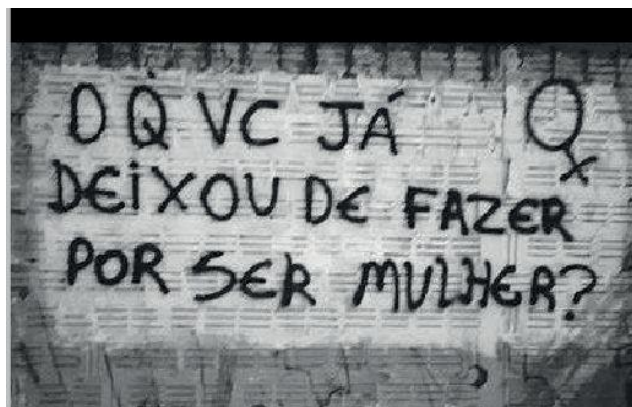
Você já participou ou participa de algum coletivo ou movimento auto-organizado? Estes reúnem pessoas que vivenciam determinada relação de opressão e exploração e acreditam que somente a organização coletiva é capaz de transformá-la. Concordamos com Freire (1987), quando ele diz que a superação da opressão vivenciada pelos sujeitos oprimidos passa, necessariamente, pela auto-organização dos mesmos.

Assim, a auto-organização de mulheres acontece quando as mulheres se reúnem em grupos só de mulheres, sendo esse um princípio e uma prática do movimento feminista. Tal momento permite o compartilhamento de experiências, saberes, aprendizados e histórias. Além de fortalecer estratégias de enfrentamento a tal opressão e de resistências que possam ser utilizadas de modo coletivo.

Tal prática ajuda na compreensão de que, apesar de nos expressarmos de distintas formas, existem muitas semelhanças na opressão que sofremos como mulheres nas sociedades patriarcais como a brasileira, que é a que vivenciamos (NOBRE, 2015).

Assim, nos reconhecemos umas nas outras, e buscamos nos respeitar e nos amar, nos descobrimos bonitas, capazes de fazer política, estudar, trabalhar, ser mãe, se assim optarmos... Enfim, sermos o que quisermos de nossas vidas.

Figura 32 - Graffiti o que você já deixou de fazer por ser mulher?



Fonte: Reprodução Internet/Autora desconhecida.



## A auto organização de mulheres

A auto-organização das mulheres contribui para refletirmos acerca do que é ser mulher na sociedade contemporânea bem como sobre suas potencialidades e contradições. Aparece como elemento relevante para o despertar das mulheres para a luta feminista uma vez que, o encontro com outras mulheres fez florescer o reconhecimento das situações de opressão vivenciadas e o entendimento de que esses não são problemas individuais, mas sim estruturais e coletivos.

A germinação do sentimento de sororidade (amor e solidariedade as demais companheiras) vai sendo gestado, a medida que, ao compartilhamos dor e sofrimento, também compartilhamos força e a possibilidade concreta de superação da violência de gênero.

Reconhecem sujeitos que estão submetidos a relações de opressão e dominação pelo gênero, orientação sexual ou cor/etnia? Que tal reuni-los em grupos auto-organizados? Utilizem como disparador do debate a pergunta “Você já teve medo de fazer algo ou deixou de fazer por ser mulher, negro/negra, ou/e LGBT?” Apontem as fragilidades sentidas e as alternativas pensadas conjuntamente para romperem com tais situações.

Figura 33 - Cartaz com frase da escritora Audre Lorde (1934-1992), feminista latino caribenha, negra e lésbica.

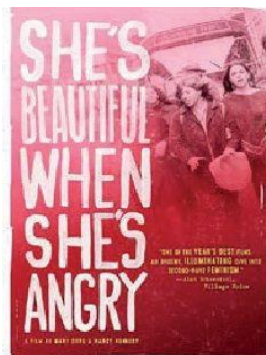


Fonte: Reprodução internet/Autora desconhecida.

# Indicação de filmes - o feminismo e a luta das mulheres

Aqui tem mulher firme arrebentando as suas correntes...

Figura 34 - Cartaz do Filme **Ela fica linda quando está brava**



Fonte: ELA FICA..., 2014

Figura 35 - Cartaz do Filme **As Sufragistas**



Fonte: AS SUFRAGISTAS, 2015

Selecionamos alguns filmes que podem ser utilizados para conhecer a luta histórica das mulheres por libertação. Após assisti-los conjuntamente, discutam sobre as pautas de reivindicações de cada momento retratado nos filmes e associem-nas ao à atualidade. Que demandas tem mobilizados as mulheres nos dias de hoje? Quais as perspectivas dessa luta? Você participou ou participa de alguma ação ou ato do movimento feminista na sua cidade ou Estado? Convidaria os/as colegas para se somarem? Por quê?

## **Ela fica linda quando está brava, 2014**

Documentário que apresenta um olhar sobre as mulheres brilhantes e corajosas que lideraram o movimento feminista dos anos 1960 nos Estados Unidos bem como as contradições que permearam e permeiam este fenômeno.

## **As Sufragistas, 2015**

Retrata a história do movimento feminista no Reino unido, século XX, quando após décadas de manifestações pacíficas, um grupo militante decide coordenar atos de insubordinação, quebrando vidraças e explodindo caixas de correio para chamar atenção dos políticos locais a luta por igualdade e pelo direito ao voto. O filme se destaca pela coragem, representatividade do tema e equipe inteiramente feminina.

## Mulheres Cabulosas da História

Quem derrubou a Bastilha, quem puxou o gatilho, quem cuidou, teceu, trabalhou, viveu e incendiou a luta do povo? O projeto **Mulheres Cabulosas da História** faz releituras fotográficas de mulheres que foram e são grandiosas, mas acabaram invisibilizadas pelo machismo presente no registro histórico. As releituras foram interpretadas pelas mulheres do **Levante Popular da Juventude**, fazendo uma relação com as mulheres que inspiram nossas lutas com as nossas próprias vidas. Assim, demonstramos que cabulosas, na verdade, somos todas nós.

Que tal se dividirem em grupos e realizarem vocês também releituras fotográficas das mulheres que lhes inspiram? Pesquisem fragmentos da vida dessas e os retrate em uma cartolina junto com a foto original da mulher e de sua releitura.

Figura 34 - Imagem Projeto Cabulosas da História



Fonte: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016.

Ao todo, foram realizadas 43 releituras, abaixo destacamos algumas delas. Para acessar o projeto por completo, acessar o link:

<https://medium.com/@LevanteBH/mulheres-cabulosas-da-hist%C3%B3ria-c7f1bb8b71ea>

Figura 36 - Releitura Dandara - Projeto Cabulosas da História/Fotógrafa Isis Medeiro



Fonte: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016.

Figura 37- Releitura Mercedes Sosa - Projeto Cabulosas da História/ Fotógrafa Isis Medeiro



Fonte: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE , 2016.

**Dandara** foi liderança junto ao seu companheiro, Zumbi no do maior quilombo das Américas: o **Quilombo dos Palmares**. Ela plantava, trabalhava na produção da farinha de mandioca, caçava e lutava capoeira, usava armas para liderar homens e mulheres de resistência do quilombo. Mas, na verdade, essa é **Lorena Lemos**, que luta por uma educação de qualidade e pela emancipação das mulheres negras.

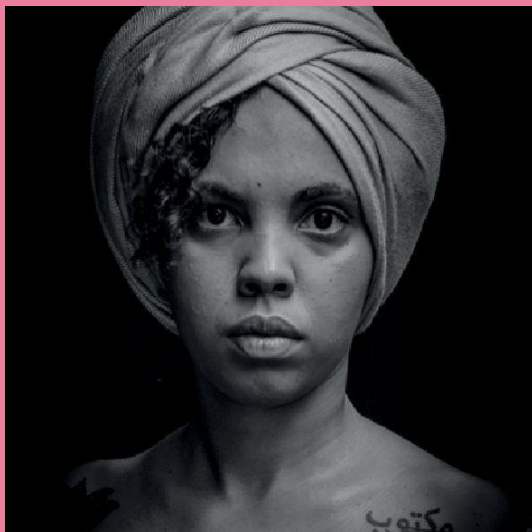
**Mercedes Sosa**, também chamada de “La Negra”, foi uma artista que cantou música folclórica Argentina e ao mesmo tempo denunciou a desigualdade social e as injustiças da América Latina. Durante a ditadura militar no país ela foi presa e se exilou na Europa, porém, continuou usando sua música como protesto político. Mas, na verdade, essa é a **Larissa Lopes**, médica que luta diariamente para que todas mulheres da América Latina tenham acesso à saúde

Figura 38 - Releitura Chiquinha Gonzaga -  
Projeto Cabulosas da História/ Fotógrafa Isis  
Medeiro



Fonte: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016.

Figura 39 - Releitura Luiza Mahim -  
Projeto Cabulosas da História / Fotógrafa  
Isis Medeiro



Fonte: LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016.

**Chiquinha Gonzaga** foi compositora, pianista e maestrina. É responsável por mais de duas mil canções populares. Entre elas está a primeira marchinha composta para o carnaval: “Ô abre alas”, de 1889. Seu aniversário, em 17 de outubro, é lembrado como o Dia Nacional da Música Popular Brasileira, desde a aprovação de uma lei para este fim, em maio de 2012.

Mas, na verdade, essa é a **Júlia Louzada** que luta para que a emancipação da classe trabalhadora seja também a emancipação das mulheres enquanto categoria social.

**Luiza Mahim** foi trazida como escrava ao Brasil, era quituteira e foi uma das lideranças na **Revolta dos Malês** (1835). Caso os malês tivessem sido vitoriosos, Luísa seria reconhecida como Rainha da Bahia.

Mas, na verdade, essa é **Ana Carolina Vasconcelos**, estudante que luta pela liberdade e reconhecimento das mulheres e por um feminismo cada vez mais representativo.

#### FICHA TÉCNICA

Fotógrafa: Isis Medeiros

Figurino: Alzira Calhau

Assistente de figurino: Kimberly Rennó

Luz: Pedro Faria

Pré-produção e idealização: Mulheres do Levante  
Popular da Juventude



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACME. Pannel. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B9ZY8ZwDfYS/?hl=pt-br>> Acesso em dez 2019.

AS SUFRAGISTAS. Direção: Sarah Gavron. Brasil. 2015.

BASSI, Karine. Eu me empoderei. Ano desconhecido. Disponível em: <https://www.facebook.com/naosoupoetasoupoesia/posts/790103994344384/>>. Acesso em nov 2017.

\_\_\_\_\_. Fotografia. 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. Lei Maria da Penha – Lei 11.340 de 07 de agosto de 2006: coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: SPM, 2006.

BRASIL. Cartilha Racismo é crime. 2016 . Ministério da Justiça e Cidadania. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/biblioteca/igualdade-racial/cartilha-racismo-e-crime-denuncie/view>>. Acesso em: junh. 2019.

CARVALHO, Kika. Disponível: <<http://universo.ufes.br/blog/2016/05/mulheres-no-graffiti-contestam-espaco-urbano-e-papeis-de-genero-em-vitoria/>>. Acesso em: agosto 2019.

\_\_\_\_\_. Fotografia grafite. Vitória, Espírito Santo. 2014.

CÁRITAS. Disponível em: <<http://caritas.org.br/dia-internacional-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha/36923>>. Acesso em agost 2019.

ELA FICA LINDA QUANDO ESTÁ COM RAIVA. Direção: Mary Dore . Netflix. 2014.

FARIA, Nalu; *et al.* (orgs.). Gênero e educação. Cadernos Sempre Viva Organização Feminista - SOF. São Paulo, 1999.

FRANCISCO EL HOMBRE. Triste louca ou má. Soltasbruxa. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HENFIL. Fradim 29. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. 50 p.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão Sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v .37. n. 132, p. 595-609. set/dez, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Outras Formas de Trabalho, Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios Contínua-PNAD Contínua, 2018.

LATUFF. Charge 8 de março, pelo fim da violência contra a mulher. 2013 Disponível em: <<https://latuffcartoons.wordpress.com/2013/03/08/charge-8-de-marco-pelo-fim-da-violencia-contr-a-mulher-felizdiadamulher/>>. Acesso em jul. 2019.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. Disponível em: <<https://levante.org.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Coletivo Estadual de comunicação do Espírito Santo. 2016.

\_\_\_\_\_. Coletivo Nacional de comunicação. 2016.

\_\_\_\_\_. Projeto Mulheres Cabulosas da História. 2016. Disponível em:

<<https://medium.com/@LevanteBH/mulheres-cabulosas-da-hist%C3%B3ria-c7f1bb8b71ea>>. Acesso em: nov 2017.

\_\_\_\_\_. Transforme sua opinião. 2016. Disponível em: <<https://levante.org.br/blog/?tag=transforme-sua-opinio>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Coletivo Nacional de comunicação. É pela vida das mulheres: basta de violência! 2018. Disponível em:

<<http://levante.org.br/blog/?p=1832>>. Acesso em agosto. 2019 .

MOTT, L. et all. Relatório de Assassinatos LGBT no Brasil,.2016.

MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES. Operação lambe-lambe. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/operacao-lambe-lambe/>. Acesso em: 14 nov. 17.

MC SOFFIA. Menina Pretinha.2015.

MENINOS NÃO CHORAM. Direção: [Kimberly Peirce](#). Estados Unidos. 1999.

MINAS DE MINAS. In: HAKA DIGITAL. Fotografia. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/minasdeminas/photos/a.501565003196714/1834911989862002/?type=1&theater>> Acesso em: jul. 2019.

NOBRE, Miriam. et al. Experiências e desafios na construção de agendas feministas nos Territórios da Cidadania. São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2015. 40 p.

OLGA. Campanha Chega de fiu fiu. Disponível em: <<https://olga-project.herokuapp.com/2018/01/31/chega-de-fiu-fiu/>>. Acesso em: 04 março. 2019.

ORAÇÕES PARA BOBBY. [Direção](#): Russell Mulcahy. Produção: Damian Ganczewski. Estados Unidos. 2009.

PRECIOSA-UMA HISTÓRIA DE AMOR. Direção: Lee Daniels. Estados Unidos. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. Campanha Violência contra a mulher é crime. 2016.

POSSAMAY, Ailen. Buenos Aires, Argentina. Disponível em: <<http://genera.com.ar/losaportesdelaeconomiafeministaa-199-n.html>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

ROCHA, Jucelene. Dia Internacional da mulher negra latino americana e caribenha. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. 1ed. Editora Moderna, São Paulo, 1987.

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES. Campanha não é amor quando. 2017. Disponível em:

<<https://www.mdh.gov.br/noticias/spm-lanca-campanha-de-alerta-aos-sinais-de-relacionamento-abusivo/view>>. Acesso em nov.2017.

SEMPRE VIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA(SOF). Mulheres Invisíveis. 2011. Documentário. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=VycN-Jsm9Lg>>. Acesso em: 02. nov.2017.

SOARES, Elza. Maria da Vila Madalena. A mulher do fim do mundo. 2015.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). Atlas da violência 2019. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2019.

TOMBOY. Direção: [Céline Sciamma](#). Produção: [Bénédicte Couvreur](#). Estados Unidos. 2011.

TSEVIS, Charis. Simone de Beauvoir: the butterfly. 2014. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/tsevis/14598270418>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

WAISELFISZ, J, J. Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. Brasília, 2015.

ZUMERLE; Julia; MARCONDES, Lorraine; FRIEDRICH, Mariah. Mulheres no Graffiti contestam o espaço urbano e os papeis de gênero em Vitória. Vitória, 2016. Disponível em: <<http://universo.ufes.br/blog/2016/05/mulheres-no-graffiti-contestam-espaco-urbano-e-papeis-de-genero-em-vitoria/>>. Acesso em: 10 agosto. 2019.

AMANDA STAFANATO VEREDIANO

DAVIS MOREIRA ALVIM